

Razão: as raízes do seu desencanto!

por Paulo Faitanin –UFF



desencanto

1. A razão em desencanto: Desde a Revolução Industrial e especialmente a partir do último século, o cientificismo e o tecnicismo, abalizados pelo primado da razão iluminista, possibilitaram que o homem realizasse grandes descobertas apresentadas sempre como benefícios para a humanidade. Em continuidade, o recém iniciado milênio desenvolve num ritmo acelerado novas propostas científicas que prometem revolucionar a qualidade de vida e a cura de enfermidades até então incuráveis, a partir da decodificação genética humana. Em meio a tantas promessas, muitas das quais infundadas, houve efetivamente muitos louros. Contudo, apesar de tantas glórias e compromissos de globalização dos benefícios das mesmas, a ciência ainda não conseguiu incluir em suas benfeitorias a grande maioria da população mundial, que continua vivendo às suas margens. Tamanha é a exclusão decorrente deste processo que nenhuma estatística consegue esconder a miséria da humanidade, muitas vezes, conseqüência do uso da própria ciência e da técnica, como no caso do infortúnio decorrente da ciência bélica. Não existe benefício humano se não inclui todos os homens. É fato o quanto é paradoxal a relação entre o progresso e o desenvolvimento da técnica e o regresso e desconhecimento da dignidade humana. Apesar de sua desenvoltura, nunca o homem esteve tão ameaçado pelo uso da técnica como em nossos dias, a ponto de acelerar a desventura humana. Por que com o apogeu da técnica desencadeou-se a negação da dignidade humana? Como a técnica – exaltação de modelo de aplicação dos recursos e avanços da investigação da razão humana - pôde ser válida inúmeras vezes contra o próprio homem? A consciência deste fato fez emergir a desesperança com relação ao que se pode esperar da ciência e da técnica. Tem sido estratégico o contínuo cultivo da euforia no inconsciente coletivo para resgatar o positivismo científico e justificar o seu desenvolvimento e aplicação, mesmo que contrária ao bem comum e supondo o sacrifício de muitos. Este eufemismo científico tem servido para ocultar a triste realidade do sofrimento de muitos, enquanto resultado do desencanto humano com a ciência, com a técnica e, naturalmente, com a razão. Eis o desencanto que o homem contemporâneo sente com relação à razão e o manifesta de muitos modos em linhas de pensamento que vão desde negá-la, subjugar-la ou torná-la ainda mais autônoma. De fato os pensadores contemporâneos acertam ao centrarem os seus debates ao redor da razão, na

medida em que procuram uma resposta ao sentimento atual de desencanto adveniente do seu uso e aplicação. Não teria este desencanto da razão sua origem na exacerbação dos seus domínios e limites? Ou no atrofiar de seus princípios? Ousamos dizer que estaria tanto na exacerbação dos seus limites quanto no atrofiamento dos seus princípios, pois em um e outro caso viola-se a sua natureza e ordenação, negando os seus limites e desnordeando os seus princípios. Há que libertar a razão de seus limites que o iluminismo racionalista e o idealismo lhe impuseram e redescobri-la dialética em sua justa medida.

2. As raízes do desencanto: Desde o início do século XX os exageros da razão foram criticados por teorias como a de Nietzsche que denunciando o extremismo da situação, acabava por oferecer um outro como solução: o niilismo. De fato, o enfado das doutrinas herdadas da modernidade em que por um lado a razão fora estabelecida como iluminadora e incoercível, senhora e mestra de seus próprios limites, como propunham as teses cartesiana e kantiana e, que por outro lado, a eliminava do diálogo com a fé, como propunha a doutrina luterana, minaram a própria autonomia da razão e a sua condição dialética, propiciando críticas que apontavam os seus limites ou que propunham uma nova concepção de dialética, como ocorreu mediante a crítica materialista. Podemos fundamentar o desencanto pós-moderno da razão na herança moderna, destacando dois exemplos de como a razão de dialética ‘solidária’ passou a ser dialética ‘solitária’. Assim temos que, por um lado, em Lutero negava-se o papel da razão na investigação teológica, por outro lado, em Descartes subordinava-se toda a investigação das verdades, incluindo as da fé, ao escrutínio da razão filosófica. As posturas luterana e cartesiana não foram senão conseqüências da ruptura da harmonia entre razão e fé lograda na Escolástica, em que para tal supunha a razão dialética aberta às verdades transcendentais. A partir de Lutero e Descartes firmou-se respectivamente a autonomia da fé frente à razão em assuntos teológicos e o primado da razão frente a todo e qualquer conhecimento humano, ou seja, a razão presa aos seus próprios limites e a eles a fé subordinada, quando não negada. Mas o desencanto não parou por aí, pois alguns séculos depois, no período áureo da instauração fideísta luterana, da autonomia e primado da fé, e racionalista cartesiana, da autonomia e primado da razão, surgiu um pensador cristão de influência luterana e inspiração cartesiana, Emanuel Kant [1724-1804] que com a sua obra *A crítica da razão pura*, procurava estabelecer, sem negar a autonomia da razão, os justos limites da razão e nela os da religião como defenderia mais tarde na obra *A religião dentro dos limites da*

simples razão, onde se não eliminou a autonomia da fé, a subordinou aos limites da simples razão.

3. As conseqüências do desencanto: Segundo a crítica de algumas correntes pós-modernas, como a do relativismo, urgia libertar a razão de seus próprios limites sem restaurar qualquer diálogo com a fé, afirmando em sua subjetividade o critério de valor e verdade, como defende Richard Rorty, em seu pragmatismo. O pseudo-conforto que o relativismo filosófico promove deflagra por fim o real e desesperante desencanto da razão, agora frente ao valor e à verdade universais. Com esta proposta a razão deixa de ser ordenadora universal, perde o seu rumo e se fecha novamente em seus limites. O abandono dos seus limites passa por uma tentativa de resgate de seus princípios e de sua abertura para o que lhe transcende, mas não a contraria. A razão ainda prisioneira de seus limites, não é dialética, é escrava e não livre, o que de per se contradiz à própria razão, já que ela é justamente a capacidade da qual emana a liberdade ao diálogo com o mundo, com os outros, consigo mesma e com Deus. Uma causa fundamental do desencanto hodierno da razão é a perda do diálogo com a fé. Mal compreendida, a fé foi vista nos últimos séculos como limite externo à razão. Visão equivocada, pois ela não deve ser considerada um limite, senão um princípio transcendente à razão. Esta mesma ruptura entre razão e fé tem marcado o tom da angústia dos discursos humanos acerca do sentido da vida, da razão e da religião nos últimos séculos. E para piorar ainda mais, múltiplos ataques se fazem à razão quando esta alude um possível diálogo com a fé. Mas é bem verdade que este diálogo deve pautar-se na coerência, onde os princípios da razão sejam respeitados e o dado de fé compreendido, não havendo lugar para sobreposições ou adaptações. Em nossos dias, têm sido sucessivas as contendas em que marcam a oposição entre razão e fé. Sinal dos tempos em que o desencanto da razão destoa qualquer diálogo. São inúmeros exemplos que demarcam esta oposição, mas um em especial é atualíssimo e nos chama a atenção, o debate *criacionismo x evolucionismo*, em que certos setores da ciência primam pela explicação racional de todo e qualquer fenômeno, inclusive o religioso; e certas religiões primam pela explicação só pela fé. O debate ‘dialéticos x antidialéticos’, mais do que nunca se encontra presente em nossos dias, sob a ótica desta contenda. Em seu livro *A caixa preta de Darwin*, Michael Behe apresenta como proposta científica a teoria dos ‘complexos irreduzíveis’, ou seja, a tese segundo a qual afirma que certas estruturas moleculares – como os glóbulos brancos – não teriam a sua origem por acaso, mediante a seleção natural e, por conseguinte, não estariam sujeitas à teoria do evolucionismo defendida por Charles Darwin na obra *Origem das espécies*. Como síntese de sua



crítica o bioquímico norte-americano conclui afirmando a necessidade da existência de um ‘intelligent design’ que haveria de ter projetado tais estruturas. Michael Behe foi criticado por seus pares – e inclusive por cientistas cristãos, como Fiorenzo Facchini – por defender uma doutrina que não havia passado pelo crivo científico da verificação e da demonstração; além de ser acusado de defender, através de sua teoria, a doutrina cristã do criacionismo, que pautada no livro do Gênesis estabelece a necessária existência de uma Causa eficiente criadora e ordenadora do universo. Todas estas contendas estão incluídas neste desencanto da razão, mas a partir dele mesmo surge de suas cinzas um desejo inexorável da verdade, alimento único do espírito, só encontrado em Deus, único remédio e encanto da razão.